

Senhoras, Senhores,

1. Agradeço ao Instituto Cultural del Sur - e ao Senhor Alcalde Alcorcón e a Enrique Iglesias - o gentil convite que me fizeram para participar no Fórum de Debate intitulado "O necessário protagonismo iberoamericano no futuro da globalização". É com muito gosto que aqui me encontro e que vou falar de globalização.

2. Trata-se, como sabem, de um fenómeno antigo, que, nos tempos modernos, começou em fins do século XV e se acentuou nos sécs. XVI e XVII, com as descobertas e viagens dos portugueses e dos espanhóis - e depois dos ingleses, franceses e holandeses - que foram pondo a Europa em contacto com o resto do Mundo.

3. No séc. XX, sobretudo depois do fim da II Grande Guerra, a Europa perdeu a hegemonia e ficou devastada, bem como o Japão. Dois Estados extra - europeus - os Estados Unidos da América e a URSS - tornaram-se as superpotências dominantes e rivais e, no plano ideológico e militar, partilharam o Mundo, em dois blocos antagónicos. Foi o começo da "guerra fria", com o mundo suspenso do "equilíbrio do terror".

4. A partir dos anos cinquenta/sessenta do século passado - em plena "guerra fria" - as descolonizações fizeram emergir o "movimento dos não alinhados" (Índia, Egipto, Jugoslávia) e depois o terceiromundismo. A revolução científica, tecnológica e cultural tornou-se explosiva e transformou a Terra num "mundo só", graças, sobretudo, ao extraordinário progresso das comunicações (rádio, televisão, internet, telemóvel), à facilidade e rapidez das viagens e da transmissão dos conhecimentos.

5. Na Europa Ocidental, a Revolução dos Cravos (1974) iniciou o movimento que pôs fim às ditaduras fascistas-militares, sobreviventes ao colapso do nazi-fascismo (Portugal, Grécia, Espanha). Revoluções ou transições que foram, pela primeira vez, sublinho, pacíficas e democráticas. Em Portugal, com o fim das guerras coloniais e a descolonização (perda do império) conseguiu-se, simultaneamente, evitar a "guerra civil" (derrotando a tentativa comunista e anarco-populista de transformar Portugal numa "Cuba do Ocidente") e a bancarrota. A consolidação de uma democracia pluralista e a nossa adesão à CEE, como então se dizia, fizeram o resto.

6. A "Revolução dos Cravos" e depois - o êxito da transição democrática da Espanha - influenciaram fortemente o movimento de democratização de toda a Ibero América, nos anos oitenta.

7. No final do passado século - para além dos progressos informáticos, tecnológicos e da revolução no mundo dos conhecimentos - dá-se o colapso do universo comunista (queda do muro de Berlim e da Cortina de Ferro, 1989, e a desagregação das chamadas "democracias populares" e da própria URSS, 1990-92).

8. O colapso do comunismo deixou um vazio na cena internacional, que foi preenchido quase exclusivamente, pela América do Norte, tornando-se a única hiperpotência mundial, sem rival no plano militar. Esta, sob o comando de George W. Bush, desenvolveu a sua vocação imperial, embora se auto-intitulasse "império benigno", lançou-se numa perigosa tentativa de marginalização das Nações Unidas (frustrada) e assegurou o triunfo do neo-liberalismo, como ideologia económico-política dominante.

Isto é: das grandes ideologias políticas do Século XX - nazi-fascismo, comunismo, liberalismo e socialismo democrático (ou social-democracia) - o nazi-fascismo foi destruído pela guerra; o comunismo implodiu, com a Revolução Informática e o descalabro económico-social a que deu lugar, nos países de Leste e na União Soviética; e o neo-liberalismo ficou, praticamente, sozinho em campo, com o auto-apagamento do socialismo democrático, impregnado pelo neo-liberalismo e pelas formulações da "terceira via" (Blair-Giddens) e outras mais ou menos discretas.

9. Na CEE, hoje, União Europeia, laboriosamente construída, desde o Tratado de Roma, em 1957, os dois grandes grupos político- partidários que mais contribuíram para o seu êxito - a democracia cristã e o socialismo democrático - também perderam bastante influência na medida em que permitiram a adulteração das suas políticas sociais, aproximando-as do neo-liberalismo.

10. A globalização, como já disse, é um fenómeno político-cultural, característico da nossa época post-moderna, mas especialmente económico, social e sobretudo financeiro. Na verdade, o neo-liberalismo marcou os últimos anos do passado século, dando um cariz essencialmente financeiro- especulativo e virtual ao capitalismo actual. Caracterizou-se pelos ganhos multimilionários nos negócios bolsistas, sem grandes efeitos no mundo da economia real e produtiva, pela introdução, através das *off-shores* e outros paraísos fiscais, do chamado dinheiro sujo, proveniente da droga, e de comércios ilegais (prostituição, venda de órgãos humanos, exploração do trabalho infantil, etc.), nos circuitos financeiros internacionais e, essencialmente, da especulação, sem obediência aos princípios éticos, que caracterizaram o capitalismo na sua fase inicial (Max Weber).

11. A globalização - ao contrário do que se esperaria - aumentou as desigualdades sociais entre pobres e ricos, pessoas e nações. O fenómeno concomitante da concentração das empresas e, principalmente, dos bancos, com administrações ávidas e pagas com remunerações milionárias, a deslocação de fábricas e de outras empresas produtivas, em busca de salários mais baixos, senão do "trabalho escravo" (sem regalias sociais), os escândalos financeiros e a corrupção, ao mais alto nível, são práticas correntes da globalização neo-liberal, que têm vindo a desacreditá-la, pondo em causa os "valores do Ocidente".

12. Não é por acaso que o neo-liberalismo está a perder cada dia mais terreno e que o mundo está à beira de uma crise financeira grave - que as bolsas mundiais registam - com repercussões económicas que poderão vir a ser sérias e que começam a sentir-se na sociedade americana: "bolhas" no sector da construção, aumento do desemprego, receio da subida da inflação, aumento inusitado do preço do petróleo, que já chega a 90 dólares o barril, para não falar do déficit externo colossal americano - os chineses são os seus maiores credores - que ninguém imagina como vai ser resolvido.

13. É hoje um lugar comum dizer-se que as políticas do Presidente Bush se têm saldado por um desastre completo: tanto no plano interno como externo. Uma larga maioria dos americanos partilha hoje essa opinião. Ora o seu artigo principal de exportação, imposto como universal, tem sido a chamada "democracia liberal", que contaminou, infelizmente, uma parte da União Europeia.

14. A "democracia liberal", para os neo-cons, caracteriza-se essencialmente pelo voto (cada vez mais influenciado pelos grandes meios de comunicação social, ao serviço dos interesses das multinacionais, de que dependem) e pela sua falsificação, em certos casos - como ocorreu na primeira eleição de Bush - e pela retórica dos Direitos Humanos, sujeitos ao critério de avaliação baseado nos "dois pesos e duas medidas", consoante as conveniências... Viu-se, o respeito que lhes merecem os Direitos Humanos, nos casos paradigmáticos de Guantanamo e Abu Ghraib, da tortura de prisioneiros e suspeitos ou nos elogios que prodigalizam aos piores ditadores, quando são "amigos" ou fazem eventuais jeitos à sua política. Não faltam os exemplos escandalosos...

15. A "democracia liberal", de resto, distingue-se da "democracia social", tão invocada pelos socialistas e pelos democratas cristãos europeus, nos anos sessenta e setenta do século passado - ou pela democracia, sem adjectivos - pela indiferença relativamente aos direitos dos trabalhadores e ao mundo do trabalho, pelas crescentes desigualdades sociais e pelo desprezo e minimização do chamado "modelo social", que libertou milhões de pessoas, pela primeira vez na história, da angústia do dia de amanhã, em caso de doença, desemprego, incapacidade, velhice, ou catástrofe natural. É o que se chama o "darwinismo social". A concepção de que o mundo é uma selva, em que os mais fortes destroem, necessariamente, os mais fracos. Ora no mundo dos nossos dias os mais fortes são os mais ricos, os mais espertos na luta pela vida, visto que o dinheiro é o supremo valor, mesmo se obtido por meios menos honestos, desonestos ou ilegais. A justiça - e nomeadamente a justiça social - não contam. Quando muito fala-se de compaixão, que lembra a caridade...

16. Todo o imenso esforço feito pelas Nações Unidas e pelas suas organizações especializadas - bem como por certas ONGs, que defendem as Grandes Causas - é ignorado. A luta contra a pobreza no nosso mundo globalizado, contra as grandes pandemias, contra as alterações climáticas e a defesa do Planeta ameaçado e contra a criminalidade internacional organizada, se são invocadas, como necessárias, é tão só como mera retórica, sem medidas concretas que as concretizem.

17. É certo que o mundo mudou profundamente após o 11 de Setembro de 2001, com o flagelo do terrorismo, um fenómeno criminoso novo, inaceitável. Veio provar a vulnerabilidade dos Estados Unidos, que se julgavam invulneráveis, no seu próprio território. Criou uma ameaça nova no Mundo, perigosíssima, que importa combater com coragem, eficazmente, e, sobretudo, com conhecimento das suas motivações, informações exactas e inteligência.

18. Ora, infelizmente, não foi isso que aconteceu. A declaração de "guerra" ao terrorismo, feita pela administração Bush, foi em si mesma um erro a que sucedeu uma série de outros erros maiores: a invasão do Afeganistão, que pôs em causa a Nato, que a cobriu, o que está a ter consequências muito graves; a invasão do Iraque, um desastre tremendo, que deu origem a massacres, humilhações e destruições incalculáveis, destruindo praticamente um Estado soberano, com fundamento em falsas acusações, hoje evidentes, que envenenou todo o Médio Oriente - Egipto, Arábia Saudita, Líbano, Paquistão, etc. - e fragilizou as posições do Ocidente (Estados Unidos e União Europeia) na Região; agravou o conflito Israelo-Palestiniano e transformou o Irão, membro do antigo "eixo do mal", numa potência de influência crescente.

19. Seis anos após o 11 de Setembro de 2001, Osama Bin Laden continua vivo e presente, permitindo-se mesmo enviar mensagens e ameaças aos americanos. O terrorismo islâmico encontrou dois campos privilegiados de treino - o Afeganistão e o Iraque - para novas acções criminosas, um pouco por toda a parte.

20. Ora o mundo, entretanto, continua em acelerada mudança. Os novos países emergentes - os chamados BRIC (Brasil, Rússia, Índia, China) - representam forças incontroláveis, num mundo que deixou de ser bipolar e depois unipolar e se transformou em multipolar. É com ele que o Ocidente tem de contar, se quiser contribuir para uma nova ordem global - o que implica uma reestruturação das Nações Unidas, democratizando-as e tornando-as mais intervenientes - que seja capaz de fazer face aos grandes desafios com que a Humanidade se confronta: salvar o nosso Planeta ameaçado; erradicar a pobreza; controlar as grandes pandemias; dominar a criminalidade organizada no plano global; regulamentar a globalização desregulada; e trazer mais justiça, igualdade, solidariedade para que o futuro próximo seja mais justo, mais humano, menos conflituoso e melhor.

21. É aqui que entra a necessidade de um novo protagonismo da Ibero América, aliada natural da União Europeia, como parceiro global, num momento crítico que o mundo atravessa, em fins de um ciclo fatal e em vésperas de um novo ano decisivo - 2008 - para a América, para a União Europeia e para o Mundo.

22. Acredito que a América do Norte possa mudar radicalmente, após a eleição de um novo Presidente, seja ele qual for. É necessário que assim aconteça para travar o declínio do Ocidente. E quando digo Ocidente, em sentido amplo, refiro-me à América do Norte - Canadá, à União Europeia, tão omissa e sem rumo, nos últimos anos, e à Ibero América, incluindo, naturalmente, o México.

23. A Ibero América, do México ao extremo Sul, incluindo as Caraíbas, representa uma unidade na sua tão criativa e original diversidade. Uma unidade linguística - com o castelhano e o português, que se entendem entre si - e representam, em conjunto, mais de 700 milhões de seres humanos, cerca de um décimo da Humanidade. Uma unidade histórica, multicultural, com raízes semelhantes e o peso de uma religião dominante (hoje, menos), a católica.

A Ibero América que foi altamente influenciada pelas transições democráticas ibéricas, ocorridas na segunda metade do anos setenta, e que tiveram a sua expressão ibero-americana nos anos oitenta. Hoje todos os Estados latino-americanos são democracias, mais ou menos consolidadas, ou a caminho de o ser.

24. Os Estados peninsulares - Espanha e Portugal - têm aqui responsabilidades crescentes. Devem ser na União vozes insistentes em favor da América Latina, com uma estratégia convergente para demonstrar aos seus parceiros europeus - sobretudo aos de Leste - a importância decisiva que tem a Ibero América para a União, no mundo multipolar dos nossos dias.

25. É óbvio que há perigos, que saltam à vista, numa reflexão desapaixonada que se faça acerca da previsível evolução dos Estados Ibero Americanos. Estes, de regimes ditatoriais e militares passaram a democracias consolidadas, que têm evoluído, dadas as enormes desigualdades sociais em que vivem as diferentes populações, da Direita para a Esquerda. E da Esquerda moderada (Brasil, Argentina, Chile) para a Esquerda radical, com diferentes nuances (Venezuela, Bolívia, Equador, Nicarágua). Seria trágico - e paralisante para o progresso da Ibero América - se houvesse uma clivagem profunda e conflitual entre as duas Esquerdas. Tanto para o futuro do progresso da Ibero América como da necessária parceria solidária entre a União Europeia e a Ibero América.

Os responsáveis políticos europeus espero que tenham a consciência desse perigo - o exemplo paradigmático de Cuba aí está para nos esclarecer - e o evitar, com tacto, inteligência e capacidade de persuasão.



Madrid, 17 de Outubro de 2007